



MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Aliançadea n.º 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 14 DE DEZEMBRO DE 1851.

APANHEI UM SEGREDO.

Desci esta semana para passal-a entre vós homens e mulheres, velhos e moços, nacionaes e estrangeiros, emfim entre todos! Com vosco me tenho achado em todos os minutos que percorre a existencia, dia e noite; vim saudar-vos, louvar-vos, beijar as vossas plantas! sede humanos. Perdoai-me, consenti que vos esclareça nos vossos mesmos misterios.

Abandonaes sem piedade, sem consideração esse pobre velho enfermo, entregue as angustias da morte! Apenas elle faz uma visita em vossas lembranças, fugis com medo do contagio, que a febre ardente dos erros e dos crimes vos roube as delicias do—Presente!—E assim abandonaes o—Passado?!

Os gemidos do infeliz—Passado—não vos tem comovido os corações; porque tremeis quando é remorso, sois surdos quando é de um erro, ou fugis aborrecidos quando a recordação de vossos passos arrasta a alma a uma condenação.

Deixais—elle—no leito carcomido pelo esquecimento, mirrarse de fome e sede, e no entretanto ignoraes que no momento em que o riscais para sempre, o seu ultimo suspiro é precedido pelo vomito negro, que cahindo sobre as costas do—Presente—vem envenenar o desfrute de vossos gozos condemnados.

O erro é pelo erro; a lembrança apagada de um crime, novos crimes gera; o Passado esquecido, vinga no—Presente—e escurce o—Futuro.

Assim pois das eras que lá vão, vamos avivar o brilho de suas letras no grande livro da verdade. Em vossos corações ainda não se dilatou a veia por onde corre o sangue da virtude; resta não olhardes só para adiante!

E o magico será a sombra que diante de vós fará voltardes o rosto!

O QUE EU PENSO.

Connais-toi toi-même !

A ignorancia é o maior flagello social; ella é a cauza primordial de todas as desgraças do genero humano: começa por aberrar o homem do sentimento de gratidão para com o autor da natureza, e fechando-lhe os olhos á luz eterna, faz com que elle não enxergue no grande livro de seus direitos naturaes os deveres correspondentes que lhe são prescriptos para com o seu creador, para si e para com os outros homens. E' ella que faz romper o laço de paternidade que devera atar todos os homens, porque desconhecendo elles sua essencia, desconhecem tambem que são fructos da mesma arvore plantada pela mão de Deos no paraizo; é ella que faz com que este ou aquelle individuo se assoberbe porque um accidente qualquer da sorte o collocou nesta ou naquelle posição, que a vaidade creou e chamou bella, porque não veem que a posição é do mundo, e que o que é do mundo Deos legou a todos os homens; é ella ainda que embotta os corações e nelles apaga, a ponto de não deixar-lhes nem a minima sentelha, o fogo divino da ternura e do amor e que torna o homem surdo aos gritos da natureza; finalmente, a ignorancia é o alimento de todos os vicios, de todas as ambições e de todos os crimes de que está carregada a humanidade.

Ora, todas as sciencias em geral contribuem para desenvolver a razão e esclarecer-a; mas nem todas as sciencias se prestão ao aperfeiçoamento dessa faculdade; e esse facto é comprovado pela observação. Quantos homens ha ahi que se reputão bastante ilustrados, e que realmente o são neste ou naquelle ramo, e que nem por isso deixão de ser muito ignorantes? — ignorantes sim, com vergonha o digo, porque ignorante é aquelle que, como um membro social, desconhece os principios que alicerção o grande edificio que se chama sociedade e que falta a elles frequentemente com todo o escandalo, ou que pelo menos não se presta com o menor contingente á cooperação da sustentação desse bem *commum*; e vendo quasi esbroadada e solta de suas bases a piramide social, nem levado pelo impulso de sua propria utilidade corre a escorral-a, para que, a seu exemplo, corram todos, e assim se restaure a grande obra de tantos seculos, o resultado feliz de tantas lutas, o grande meio de comunicação entre o homem e o seu creador, — *a religião de Jezus Christo* — ; porque ignorante é aquelle que se tendo alistado á seita do Christianismo, e por consequencia feito voto de obedecer cegamente aos seus preceitos, se diz Christão quando não se sujeita ás vezes a nenhum artigo dessa lei; porque, finalmente, é ignorante o homem, cuja razão não chegou ainda ao estado de poder conhecer já não digo a verdade, mas a utilidade dessa lei; e apngnando por ella ser um sustentaculo da sociedade; e infelizmente é desses homens de que está incêdo o mundo.

E. DE SA'.

AS MODAS.

Caricatura a giz.

Basta! é forte teima! Pois não tendes ahí tanto alfaiate que vos possa dizer as modas do dia!... O *Magico* prometteu-vos um artigo de *mo-das*, mas não erão essas modas de cortes, e fazendas, por que isso é muito corriqueiro, e qualquer *miliquitéte*, sabe, e apregoa as cazacas como s'uzão, se são de rabo de thesoura, de papagain, ou de morcego etc., e as fazendas se são merinó, alpaca, ou baeta.

Mas emsím faça-se a sua vontade: venhão cá. Olhem aquelle rapaz bonitote, com palitó avivado d'encarnado, como libré de boleiro, calça agarrada á perna, e curta a ponto de deixar ver a meia raiada, ou o botim com cano de marroquim, que traz na mão sempre um chicotinho; é um estudante de medicina, que em vez de queimar as pestanas a ler o *Bichat*, queima-as a ler o *Monitor das modas*, para saber como hade trajar!

Deve ser um habil medico de cazacas e calças, e a sua theze para doutorar-se deve ser, naturalmente sobre o feitio de alguma cazaca ou palitó! Hade ser de muito effeito pela extranhez! E prega um grande logro aos examinadores que provavalmente se preparão para lhe perguntar por musculos e nervos, em quanto que elle lhe responderá com pontos, dedaes, e linhas!

Eu de nada me heide admirar, porque tudo espero de certas cabecinhas, mas o que não posso comprehendér é, para que esse joven, que quer ser francez á força, porque até arremeda o andar, se dá ao trabalho de pintar o bigóde com rolha queimada e gordura, para fazel-o preto?!

Elle lá sabe.

Voltai-vos agora para ali: não vêdes aquelle manguari, que vai andando sobre dois caniços, como se fossem andas?... Aquelle palitó curto e largo (palitó sacco) sobre aquelles caniços representa uma seringa monstro, cujo pipo viria ser representado pelo nariz do cujo. Seria uma bella caricatura, que não deixaria de cauzar rizo...

Basta de massada por hoje, já vos mostrei dois figurinos vivos, chegai-vos a elles, e pedi-lhes a explicação que dezejardes.

Perilampo.

ESPECTACULOS LYRICOS.

ESTRÉA DO SR. MAZZIO.

Na opera *Maria de Rudens* que subio á scena no dia 2 do corrente estreou um novo cantor o Sr. Mazzio, que se dizia primeiro baritono apezar dos embargos do Sr. De Lauro.

Nada diremos sobre o merito artistico do estreante, porque temos o procedimento posterior da direccão, e o riso dos espectadores naquelle noite, para darmos por amostra do conceito que o

Sr. Mazzio firmou no julgar de todos; porem queremos indagar quaes as consequencias que devão resultar d'aquelle máo successo do Sr. Mazzio.

Não é duvidozo que o Sr. Mazzio *espichou-se*: a direcção assim o julgou porque lhe retirou a parte para confial-a a outro; e este procedimento da direcção é tão importante, que mesmo em outras circumstancias seria bastante para matal-o. E' pois o Sr. Mazzio um cantor morto, pelo menos para o nosso publico, um cantor desacreditado: que fará a direcção delle?

Ficará na companhia comendo o ordenado sem trabalho? Será rescindindo o seu contracto, e ficará ganhando como artista? Ou lhe será mantido o ordenado, embora seja desterrado para os coristas? Estamos muito curiozos de saber o que fazem do Sr. Mazzio: a direcção que se tem mostrado tão escrupulosa a certos respeitos, a ponto de recuzar contractar um segundo tenor, de que a companhia está mal servida, por uma diminuta quantia, não deve agora deixar de parte esses escrupulos, para estender a sua protecção até ao Sr. Mazzio, e fazer o theatro onerar-se com mais esse pensionista.

Não temos indisposição alguma contra o Sr. Mazzio, nem a artista algum, nem queremos que nossas palavras sejão recebidas como de má vontade, ou de um pensamento em reserva; porque elles são nascidas do nosso desejo de que cada um seja pago segundo o seu merecimento.

O Cadete.

UM RETRATO.

Um velho carunchoso e mazellento *
Tendo o rosto p'los annos carcomido,
Mas que todo se enfeita prezumido;
A' força de perfumes fedorento,
Do ridiculo imitar triste instrumento,
Só em tudo que é vâo, louco, entretido,
Da vaidade no espelho, embrutecido,
Vê formôzo o seu rosto macilento;
Faceto bestalhão só falla em Numes,
E só diz Accidalia, Amor e Jove,
E conquista bonecas e perfumes.
Que figura esquesita! e não vos move?
Pois vêde, da razão abrindo os lumes,
Que o retrato é do sec'lo desanove.

E. Sá.

QUADRINHAS.

Bom dia gente do povo,
E vós fidalgos também
Bom dia a todos desejo
Que quizerem passar bem.

As gentis ternas donzelas
Especial cortezia,
As matronas, as velhucas
Também desejo bom dia.

A todos agora pergunto,
Se não é indiscrição,
Começarão, se brincarão
No dia da Conceição?

Quantos vestidos bonitos
Quantos casacos da moda
Fez em dias antes desse
Andar a cabeça a roda?

Porem a chuva maldicta
Alguns planos transtornou,
E quem na vespera perdeu
No dia também não ganhou.

Quantos rapazes patuscos
Arranjando a fatuella,
Contavão na madrugada
De sucia ir com a bella?

Mas o tempo que se mette
Em tudo que o homem faz
Assentou sem ser pedido
Tudo deixando ir ultraz.

Certa velha conhecida
Tinha lavado a mantilha,
E contava em certo brode
Fazer sua maravilha.

Quando accordando mui cedo
E vio a chuva a cahir
A velhinha de mãos postas
Poz-se aos Santos a pedir.

Ela orando á Sancta Clara
Pedia o sol lhe mandar,
Pois ia n'um oratorio
Pela Conceição rezar.

O que a sujeita queria
Era o bom tempo píhar,
E depois de estar na sucia
A promessa desculpar.

Tres mocinhas que eu conheço
Apronando o seo bahú,
Suspíravão pelo dia
Lá na Ponta do Cajú.

Cada uma se lembrando
Ao Adonis escreveu,
Temião que não saltassem
Se a negra o escripto deo.

Certo Juquinha tafulo,
Lá no seu segundo andar,
Mandava no Walestain
Umas luvinhas comprar.

O capadocio moleque,
Que tal couza foi fazer,
Vio-se na rua bonita
E o caso poz a perder.

Desesperado o Juquinha,
As luvas sujas de lama,
Desejando ver a bella
Mas inda estava na cama.

“ E’ impossivel que saíão
Com este tempo tão feio!
E a preta com o recado,
Maldicta ainda não veio!

Certo velho rabugento,
Mas so co'a gente de casa;
Na rua, ou em pagodes
Nunca perde a sua vaza:

Dizia a mulher afflito,
“ Senhora, sahir não podemos,
Este anno... paciencia,
O oratorio perdemos.

— Vai allugar uma couza
Que nos possa conduzir,
Eu em caza já não fico
Apronsei-me, e hei-de ir.

Lá vai o pobre coitado
Pela chuva a grazinar:
“ Se me livro desta cuja
Nunca mais me hei-de cazar. ,

Mas entretanto o amigo
Mal na rua se pilhou,
Arrependeo-se do rumo
E p'ra casa não voltou.

Deixa agora a minha dona
Já de tinta e embonecada,
Ora chegando á janella
Ora escutando na escada!

Ora vejão tanta couza
Brigas, prazer, confuzão;
Tudo por haver chovido
No dia da Conceição!

Sr. Mazzio firmou no julgar de todos; porem queremos indagar quaes as consequencias que devão resultar d'aquelle máo successo do Sr. Mazzio.

Não é duvidozo que o Sr. Mazzio *espichou-se*: a direcção assim o julgou porque lhe retirou a parte para confial-a a outro; e este procedimento da direcção é tão importante, que mesmo em outras circumstancias seria bastante para matal-o. E' pois o Sr. Mazzio um cantor morto, pelo menos para o nosso publico, um cantor desacreditado: que fará a direcção delle?

Ficará na companhia comendo o ordenado sem trabalho? Será rescindindo o seu contracto, e ficará ganhando como artista? Ou lhe será mantido o ordenado, embora seja desterrado para os coristas? Estamos muito curiosos de saber o que fazem do Sr. Mazzio: a direcção que se tem mostrado tão escrupulosa a certos respeitos, a ponto de recuzar contractar um segundo tenor, de que a companhia está mal servida, por uma diminuta quantia, não deve agora deixar de parte esses escrupulos, para estender a sua protecção até ao Sr. Mazzio, e fazer o theatro onerar-se com mais esse pensionista.

Não temos indisposição alguma contra o Sr. Mazzio, nem a artista algum, nem queremos que nossas palavras sejam recebidas como de má vontade, ou de um pensamento em reserva; porque elles são nascidas do nosso desejo de que cada um seja pago segundo o seu merecimento.

O Cadete.

UM RETRATO.

Um velho carunchoso e mazellento*
Tendo o rosto p'los annos carcomido,
Mas que todo se enfeita prezumido;
A' força de perfumes fedorento,
Do ridiculo imitar triste instrumento,
Só em tudo que é vâo, louco, entretido,
Da vaidade no espelho, embrutecido,
Vê formôzo o seu rosto macilento;
Faceto bestalhão só falla eni Numes,
E só diz Accidalia, Amor e Jove,
E conquista bonecas e perfumes.
Que figura esquesita! e não vos move?
Pois vêde, da razão abrindo os lumes,
Que o retrato é do sec'lo desanove.

E. Sá.

QUADRINHAS.

Bom dia gente do povo,
E vós fidalgos também
Bom dia a todos desejo
Que quizerem passar bem.

As gentis ternas donzelas
Especial corteza,
As matronas, as velhuzas
Tambem desejo bom dia.

A todos agora pergunto,
Se não é indiscreção,
Começarão, se brincarão
No dia da Conceição?

Quantos vestidos bonitos
Quantos casacos da moda
Fez em dias antes desse
Andar a cabeça a roda?

Porem a chuva maldicta
Alguns planos transtornou,
E quem na vespera perdeu
No dia tambem não ganhou.

Quantos rapazes patuscos
Arranjando a fatuella,
Contavão na madrugada
De sucia ir com a bella?

Mas o tempo que se mette
Em tudo que o homem faz
Assentou sem ser pedido
Tudo deixando ir atraç.

Certa velha conhecida
Tinha lavado a mantilha,
E contava em certo brode
Fazer sua mapavilha.

Quando accordando mui cedo
E vio a chuva a cahir
A velhinha de mãos postas
Poz-se aos Santos a pedir.

Ella orando á Sancta Clara
Pedia o sol lhe mandar,
Pois ia n'um oratorio
Pela Conceição rezar.

O que a sujeita queria
Era o bom tempo pilhar,
E depois de estar na sucia
A promessa descuidar.

Tres mocinhas que eu conheço
Apronando o seo bahú,
Suspíravão pelo dia
Lá na Ponta do Cajú.

Cada uma se lembrando
Ao Adonis escreveu,
Temião que não saltassem
Se a negra o escripto deo.

Certo Juquinha tasulo,
La no seu segundo andar,
Mandava no Walestain
Umas luvinhas comprar.

O capadocio moleque,
Que tal couza foi fazer,
Vio-se na rua bonita
E o caso poz a perder.

Desesperado o Juquinha,
As luvas sujas de lama,
Desejando ver a bella
Mas inda estava na cama.

“ E’ impossivel que saiu
Com este tempo tão feio!
E a preta com o recado,
Maldicta ainda não veio!

Certo velho rabugento,
Mas so co’ a gente de casa;
Na rua, ou em pagodes
Nunca perde a sua vaza:

Dizia a mulher afflito,
“ Senhora, sabiç não podemos,
Este anno... paciencia,
O oratorio perdemos.

— Vai allugar uma couza
Que nos possa conduzir,
Eu em caza já não fico
Apronhei-me, e hei-de ir.

Lá vai o pobre coitado
Pela chuva a grazinar:
“ Se me livró desta cuja
Nunca mais me heide cazar. ,

Mas entretanto o amigo
Mal na rua se pilhou,
Arrependeo-se do rumo
E p’ra casa não voltou.

Deixa agora a minha dona
Já de tinta e embonecada,
Ora chegando á janella
Ora escutando na escada!

Ora vejão tanta couza
Brigas, prazer, confuzão;
Tudo por haver chovido
No dia da Conceição!

O CACADOR INFELIZ.

CONTO EPIGRAMMATICO.

Um caçador todos os dias armava o seu alçapão e passava o dia inteiro exposto ao sol a espreitar a gaiola a ver quando o incauto passarinho cahia no laço que lhe armava o capricho de um homem que se alegrava em tolher a liberdade a um ser inocente que nenhum mal lhe fazia. Com effeito, cahia o passaro e entregava-se o caçador ao jubilo que não é de extranhar n' um homem que acaba de ver cumprido um desejo seu (embora este seja barbáro); porém dahi a pouco entrava o pobre homem em desespero, porque olhando para a gaiola a via vazia: isto, repetido muitas vezes, havia feito julgar ao credulo caçador que era effeito de uma desgraça que manejada pela mão da sorte pezava sobre elle; até que um dia, tendo entrado de novo um passarinho, estava elle como um *ARGOS* attento á magia do desaparecimento quando vio que o plumozo se escapara por uma fresta que tinha a gaiola. Foi então que elle pôde reflectir e convencer-se que, se era infeliz, não provinha o seu infortunio da sorte, como elle attribuia, mas sim da sua negligencia.

“ E elle, que até então era ignaro, favorecido pela experiençia formou este ajuizado pensamento: ” *QUANTOS* homens ahi ha que, sendo mal succedidos em tudo que emprehendem, se reputão desgraçados e maldizem a sorte; entretanto que todo o mal vem da inaçao e descuido em que vivem? !....

* *

MISCELLANEA.

Pergunta quem deseja saber se o que ha por ahi é novo por ainda não ter sido visto, esse sistema de calçadas, ou se é alguem que quer ver se as pedras tambem produzem e assim as vai semeando pelo meio da rua. Oh! que plano gigantesco! Isto é porque a agricultura vai soffrendo, querem ver se fazem mais este ramo de commerceio para o futuro!

— Uma Actris, que alguma coisa se julgava na ordem das coisa estando em scena, olhava continuamente para um dos camarotes da esquerda do actor. Um capote dos bastidores, que percebeu o negocio, perguntou-lhe:

Porque está V. sempre a olhar para aquelle camarote?

Que pergunta! respondeo ella; se V. entendesse da arte, veria que a natureza pede que ao ouvir o actor que comigo representa, lhe vire o rosto desdenhosamente — Um! se é pela natureza que se vira tanto, calo já a minha boca; porque, contra a natureza — *similia similibus* só aquillo que é natural. Note-se que ficando a dama á direita do seu collega, ella virava o rosto para a sua esquerda.

— Quereis ver um dramaturgo? Figurai um mancebo, pouco casquillo no trajar, muito *imposante*; ponde-lhe uns oculos; dai-lhe pouca barba, falho bigode, muita tréla em objectos de theatro; ouvi-o decidir sobre o merecimento dos artistas, empreender couzas gigantescas, derribar e firmar companhias; proteger a arte dramatica, servir de mentor, mestre de lingua, senographo, ensaiador... e alem d'isto pegar na pena, campar de sabichão, çujar algumas folhas de papel com as asneiras mais toscas, dar um nome a estas asneiras, e a este nome chamar-lhe —comedia ou drama: ah! o tendes. Prometti mostrar-vos um dramaturgo; pinto-vos um merito enciclopédico na burricada: dar mais do que se promette, é generosidade...

Regras ou mandamentos para serem observados por todos os homens que se espoem ás rigorozas leis do Deos Cupido.

1.º Muita labia, grande geito, e maior cuidado; isto com todas as moças. 2.º Trajar bem, ainda que não seja á sua custa. 3.º Dispor de tempo bastante para se achar sempre á vista daquella que lhe fizer mais conta. 4.º Intimar que se emprega em alguma couza, ou que tem fundos a render; ainda mesmo não passando de um vagamundo. 5.º Estar sempre prevenido, e não desprezar novas emprezas e conquistas, tendo em todo o cazo as costas por fiador. 6.º Morar sempre longe daquellas a quem se illude, porque (como diz o rifão) santos do pé da porta não fazem milagres. 7.º Poderá trazer, até vinte e cinco enganadas, porem deve cazar-se com a que lhe fizer mais arranjo, depois de reflectido exame. 8.º Cazará com a que for de sua escolha, tendo em vista (alem das qualidades exigidas para este fim) que venha acompanhada daquillo com que se comprão as camelias, para que não dê algum faniquito na menina. Entende? 9.º Logo que não se preenchão estes quesitos... outro officio! você entende-me? 10. Andar em dia com todos estes mandamentos para não cahir na esparrella ou arriosa do tal Sr. Cupido.

Estes dez mandamentos se encerrão em trez, convem a saber. Mentira sempre, verdade nunca, cazar babau; pois assim o julgo, e cumprirei com o favor da experienzia. Amen.

— As chuvas que tem cahido escurecerão por hoje o vidro do transparente; ha tanta couza que faz confuzão na vista, e desta forma fiquem chupando no dedo, os que gostão, como o Bernardo na lua.

— Aconselhamos a quem quizer andar fóra de horas pelas ruas desta cidade que mande fazer uma pipa de rodizos, unico meio de fugir a estes novos amigos que estão abraçando os passageiros como ultimamente tem acontecido. Será um meio policial? Ou um meio de que lanção mão os parazitas e vagantes da corte para sondar o estado da vigilancia policial? — Tudo isto é muito bom, mas o peor é fazer alvo nas algibeiras do respeitável.

— Do telegrapho phosphorico cahio a noticia de ter o cigano que levou a facada na cidade nova, ido a uma botica, e o boticario negou-se á cura com medo da multa de duzentos mil reis com que a Hygiene o aperta. Ora a lembrança não é má! E que multa fizerão elles para os Medicos que se negão a todo o curativo? Morrerá o doente a espera do Dr. que não leva multa? Ou morrerá na porta da botica, apezar de haver uma academia ao pé da Misericordia?!

— Porque são os sellos das cartas semelhantes aos meninos de escola? — Porque temos de ir-lhes ás costas para fazel-os pegar ás cartas.

— HOJE O MAGICO tem a satisfação de participar a seus leitores que ha os seguintes divertimentos: — Festa de Santa Anna, em Nictheroy; e Procissão da Senhora da Conceição, Festa da Senhora da Conceição, em S. Gonçalo Garcia; Dita no Paula Matos; dito em S. Francisco da Penitencia, dito em S. Francisco, na Prainha, dito no Bom Jezus — Theatro de S. Francisco. Theatro de S. Januario. Praça de touros.



CHARADAS.

Tú foste n'ella Molier, soberano 2
Quem te davão, Lobão, em vés d'amante? 2
Vistes em teus campos o poder Romano,
E o que uzurpa teus bens sahir triumphante.

OUTRA.

Tu foges, e vás para onde?
Ficas? não voltas mais? 1
Sou quem pedio um rei e foi servida,
E chorando ficou arrependida. 1
Vem não te demores bella Armia
Ancioso te espero e assim te peço 1

Sou bella entre os verdes,
E de todos querida
E a cõr da bandeira,
Desta terra brasileira
Represento assim unida.

U.

A significação da charada do n.º antecedente é: — Aspásia.

TYPOGRAPHIA E LIVRARIA DE E. A. RIBEIRO & AYRES.
Rua d'Alfandega n.º 135.

FOLHETIM DO MAGICO.

A PROTECCÃO DO REI.

(Continuação do n. 4.)

— Tencionais dar vossa filha a um tal Poincelet, que dizem ser rico, e a quem ella não ama. Este consorcio faz-lhe um medo tamanho a ponto de preferir ser freira, e nós veríamos com bem desprazer uma moça tão bella sacrificada a um vil interesse, ou enterrada em um claustro na flor da idade. E' precizo que condescendais com meu rogo: quereis renunciar essa aliança?

— Mas, diz o gentil-homem, estomagado do passo que elle via ter dado a filha, aquelles que tão bem instruirão V. M. devião-lhe ter dito, que eu dei minha palavra.

— As palavras dadas por esta sorte não compromettem; e demais nós tomaremos a responsabilidade. Além de que ha alguma couza que ignorais, vossa filha tem compromettimentos muito mais sagrados com um homem cortez.

— Minha filha! diz Mr. de Senesse, enganão V. M.

— Não, diz o rei lançando um olhar a Amelia para animal-a, que estava mais morta que viva, estou certo do que digo. Se eu vos pedisse bem, não descomprometterieis a palavra que tão imprudentemente destes a Mr. Poincelet, para aceitardes um genro de minha mão?

— Eu já tive a honra de dizer ao rei, que meu dever era obedecer, e ainda que me custe, farei sempre meu dever.

— Bem no sei, cavalleiro, diz o rei, e eis o que convém. Chegai-vos ali, e escrevei, nós vamos acabar com isto já.

Rollarão Mr. de Senesse para uma meza, por que estava com a gotta, e ainda que estivesse contrariado ao ultimo ponto por esta intervenção real nos seus negocios domesticos, dispôz-se a obedecer.

« Escrevei, diz o rei, eu vou dictar.

« Meo caro Poincelet.

« Será impossivel que tenhais animo de ficar mal comigo, se eu vos retirar a palavra que vos dei, quando souberdes, que é por ordem expressa do rei que assim procedo. Tende pois a bondade de não contar mais com a mão

“ de minha filha, que será em oito dias, segundo a vontade de Sua Magestade, esposa do Visconde de... ”

— Deixai o nome em branco, diz o rei, nós logo o escreveremos. »

Amelia empallideceu com esta ultima fraze: ella julgou ao principio que a intenção do rei se limitasse a fazel-a freira; mas quando ouvio aquellas palavras, *esposa do visconde de...* quasi desmaiou: não era o convento, nem Mr. de Noirat era titular!

O rei vio o seu dessocego, inclinou-se ao seu ouvido, disse-lhe uma palavra, e deo-lhe uma bofetadasinha na face: a pobre Amelia cheia de felicidade beijou-lhe a mão.

“ Aonde ficamos? Pergunta o rei,

— Esposa do Visconde de..., diz Mr. de Senesse, que antes quizera estar na China naquelle momento.

— Bem, deixai um branco, e continuai. »

“ Do Visconde de... brigadeiro dos mosqueteiros, general-homem da camara, e da fortuna do qual S. M. me fez a honra de dizer, que se encarregava. ”

Et cetera, diz o rei, assignai vossa carta, e daim'a.

O cavalleiro obedece, e entrega a carta ao rei.

— Agora, diz Luiz XV, recordai-vos que vos disse, que vossa filha tinha compromettimentos com um homem cortez; não advinhais quem seja esse homem?

Ainda que a attitude de Henrique e Amelia, devesse denunciar a Mr. de Senesse, que o culpado não estava longe, as ultimas frazes da carta, desnortearão de tal sorte a Mr. de Senesse, que elle não fez mais do que olhar para o rei em silencio, como quem procura sem esperança de encontrar.

“ Nunca pensastes, diz-lhe o rei, que vio seu embaraço, que um moço creado com vossa filha, poderia amal-a e ser amado por ella?

— Noirat! senhor, é impossivel.

— Impossivel, diz o rei, e porque? Olhai-os, pois, ambos são encantadores: dir-se-hia que forão feitos um para o outro.

— Sem minha licença! diz Mr. de Senesse.

— Ouvei. Os dois maiores poderes que existem no mundo, são o vosso e o meu: o poder dos pais e dos reis!

Mas quando querem ser exercidos no lugar onde reina o nosso soberano, o amor, elles são desconhecidos por mais que se faça. Permittir amar é inutil, ordenar, e prohibir é impossivel.

— Vossa Magestade esquece que sou pobre, e que Noirat ainda é muito mais.

— Vós é que esqueceis o que escrevestes a Poincelet, diz o rei mostrando-lhe a carta.

— Que, senhor, esclamou Mr. de Senesse, esse nome...?

— Então? ... Custou-vos bem a advinhar. Escrevei pois o nome de vosso genro, vós já o sabeis agora.

Não era o momento de mostrar severidade. O cavalleiro encontrava um genro em um gentil-homem honrado, que elle amara sempre como filho, e cuja fortuna ficava ao cuidado do rei. A felicidade de Amelia lhe parecia segura, e uma lagrima de prazer veio-lhe humedecer os olhos. Tomou a mão do rei que lhe apontava com o dedo o lugar onde devia escrever o nome de Mr. de Noirat, cobri-o de beijos, e não pôde dizer-lhe mais:

“ Ah! senhor agora já posso morrer! ”

O rei quiz fazer mais completa tanta felicidade, voltou-se para Amelia, e disse-lhe: “ Não quereis senhora viscondessa dar a vosso pai um pequeno presente de bodas? ”

Amelia inclinou-se, e esperou o resto do discurso:

“ Chegai-vos ali tambem, continuou o rei, estamos em familia, e não temos precizão de secretario.”

Amelia sentou-se, e escreveo o que o rei foi dictando.

“ O Sr. ministro da fazenda mandará passar ao Sr. cavalleiro de Senesse uma patente de pensão de seis mil libras, que nós lhe concedemos em recompensa de seus bons e leaes serviços.”

As trez pessoas que se vião assim cheias de beneficios do rei estavão commovidas até ás lagrimas, não só pela maneira delicada com que elle dava estas graças, como pelas graças mesmo.

Amelia, depois de ter escripto, offereceo a pena ao rei para que assignasse.

“ Esperai, diz Luiz XV, ainda não acabamos: tomai outra folha de papel.”

Continuou a dictar.

“ Nós, Luiz, por graça de Deos rei de França e de Navarra, uzando de nossa prerogativa real, querendo dar ao nosso amado e fiel criado..,

Vosso nomes de baptismo Noirat ?

— Henrique Luiz, diz Mr. de Noirat.

— “ Henrique Luiz de Noirat, continuou o rei, um signal de nosso real favor, temos-lhe conferido e conferimos o titulo de visconde, para uzal-o elle e seus descendentes e gozar as prerogativas que lhe pertence. ”

Tomou então a pena e assignou a patente da pensão, e a do titulo de visconde.

Oito dias depois Mr. de Noirat, tornado visconde de Noirat recebia por esposa a bella Amelia de Senesse. Vivendo sempre na corte, Mr. de Noirat conservou sempre o seu valimento, e fez uma brilhante fortuna, e sua esposa foi uma das raras excepções, que conservou sua virtude no meio daquella corte corrompida.

FIM.



Como este romanse é pequeno, guardamo-nos para dar proximamente um muito interessante de PAUL FEVAL, autor muito conhecido e afamado.— E' o romanse o — Bello Demônio.

Dos EDICTORES.

FOLHETIM DO MAGICO.

CHRISTINA EM FONTAINEBLEAU. ROMANCE.

POR
FREDERICO SOULIÉ.

Uma noite, erão 10 horas, duas sentinelas forão postas á porta, que conduzia do interior da galeria de Diana até aos quartos da rainha Christina. Algumas espalhadas velas alumiavão esta immensa galeria, no fim da qual existia um salão aberto, que parecia, alumiado por um grande numero de velas, o centro ardente de um comprido cometa, que arrasta uma cauda nebulosa e descorada. Apenas estes homens tomarão seus postos, que certificarão-se, que a rainha, os nobres e damas da corte estavão muito entretidos em uma destas conversações, em que a rainha Christina gostava de fazer alarde deste espirito de mulher, e desta erudição de homem que a fizerão uma rainha tão afamada. Quando ouvirão o murmúrio animado desta conversação, certos que não podião ser vistos, e seguros que não podião ser surprehendidos, deposerão perto da porta o arcabuz de que estavão armados, e penetrarão em uma antecamara, que separava a galeria do quarto da rainha.

O rosto destes homens, sua tez biliosa, seus cabellos negros attestavão, que elles erão destes italianos que o marquez de Monaldeschi tinha posto ao serviço da rainha. Em verdade, desde a sua viagem a Roma, esta rainha possuída de um amor louco por Monaldeschi, tinha visto ausentar-se della todos os gentis-homens suecos, que entusiastas pela sua abdicação ostentosa, se tinhão unido á sua fortuna.

Um só tinha resistido á desillusão, que tinha retirado os outros; era o conde Suenon de la Gardie, filho desse Magnus de la Gardie, que o favor de Christina elevou tão alto, alguns annos antes de ter deixado o throno, que fez julgar, essa furtuna ser antes devida ao amor da mulher, do que á estima da rainha. Os boatos vagos que circulavão então na corte de Christina, cessarão de repente; porque em seguida a uma ceia, em que Magnus, se tinha deixado felicitar sobre sua felicidade, morreó em convulsões, e de tal sorte que deo occasião a fallar-se em envenenamento.

A grandeza de Christina, mais ainda do que seu titulo de rainha, pozerão na a salvo da suspeita de ter querido punir um indiscreto ; e quando mesmo essa suspeita tivesse entrado no pensamento de alguns, seria distruida pela dór que mostrou a rainha, e a protecção decidida que ella continuou ao filho depois da morte do pai. Comtudo não era sómente o reconhecimento, que fazia preserverar Suenon no seu dedicamento a Christina; uma paixão insensata, violenta, tinha tomado posse deste moço : paixão cega, que não queria ver o que se passava nesta corte ambulante, com receio de se ver obrigado a desprezar o ídolo, que não podia tolher-se de adorar.

Como dissemos, Suenon, era o unico fidalgo sueco, que permanecesse junto de Christina, e não era mesmo senão por acaso que no meio mesmo de França, dois fidalgos francezes se achassem entre os vinte ou trinta nobres italianos, que fazião a caza real da ex-rainha da Suecia.

O primeiro destes fidalgos era o duque de Guise, neto do Retelhado, chamado cavalleiro de Guise, que Luiz XIV tinha encarregado do recebimento da rainha Christina, e das honras a fazer em Fontainebleau. Era o mesmo que em Nápoles, tinha coadjuvado a revolta de Mazaniello contra os Espanhóes, e que tentou um momento, dar aquele reino á França excitando-o á revolta para conquistar a sua independencia.

O segundo era o visconde de Charnacé, famoso por seus duelos, cantigas e loucuras. Condenado á morte por moedeiro falso, condenado á morte por haver violado um claustro, e raptado a filha do presidente do parlamento de Rennes, obteve duas vezes seu perdão. Emfim condenado terceira vez á morte por ter, depois de uma orgia, feito a aposta de ir roubar nas grandes estradas, os viandantes fóra de horas, veio refugiar-se junto da rainha da Suecia, esperando, que um novo perdão lhe permettisse fazer outros crimes. Christina acolheo favoravelmente Charnacé, seu nome era uma recommendação mui poderosa para esta rainha, por que era filho do embaixador francez Charnacé, que, no espaço de quinze annos fez em Suecia serviços eminentes á rainha.

Esta noite, toda a corte se tinha juntado no grande sa-

lão de Diana, em quanto as duas sentinelas, que já fallamos, penetravão na antecamara. Quem os examinasse com cuidado, havia notar, que nem um nem outro estavão acostumados ao traje que vestião. O mais joven teria 30 annos e apezar de seu ar resoluto, o fardamento militar que elle trazia dava mostras de encommodal-o.

Com o olho e o ouvido alerta, ao mais pequeno barulho levava involuntariamente a mão ao punhal, de preferencia á espada ou ao arcabuz. Era um destes bandidos italianos, que se põem a soldo de quem quer que fôr, que lhes pague bem, e que Monaldeschi tinha tomado a seu; mas por uma precauçao, que não era devida senão a projectos longamente meditados, tinha-o sempre tido affastado da rainha. Nunca Merula, era seu nome, habitava o palacio, fosse qual fosse, onde Monaldeschi morava com Christina; alojava-se quasi sempre em alguma caza vizinha, e não se apresentava ao marquez senão sob disfarses variados, para que ninguem suspeitasse a existencia deste agente secreto.

Este homem tinha tanto de feroz e resoluto, quanto o outro que o acompanhava tinha de medroso; a arma que este trazia não o embaraçava só, fazia-lhe medo, com tudo era como o outro um agente de morte, e o que Merula executava com o punhal, cumpria-o elle com o veneno. Empregado á muito tempo no serviço de Christina na qualidade de archimista, não era sómente á busca da pedra philosophal que ajudava sua ama; e aquelles a quem a dor de Christina, e o favor de Saenon não tinhão extinto as suspeitas, pretendiao, que Laudini não tinha sido extranho á morte do conde Magnus. Ouçamos um momento o dialogo destes dois homens, que nos dirá o motivo que lhes tinha feito tomar este disfarse para entrar nesta parte do castello, e nos fará conhecer as outras personagens, que devem representar um papel nesta narração.

— Agora que chegamos, diz Merula, cumpre a parte que escolheste nesta expedição. Vejainos, reconheçamos bem as localidades, para não nos perdermos neste castello, mais defficil de andar-se com acerto, do que os caminhos mais desconhecidos dos Apeninos. Primeiro que tudo que porta é esta?

— Esta, diz Landini, é a que sobe por uma escada estreita ao quarto do marquez.

— Comprehendo, é por aqui que elle entra e sahe, quando ninguem devera mais entrar e sahir. E esta outra?

— E' o quarto da rainha.

— Muito bem, é então ali que tu tens a fazer: entra.

O alchimista estacou, e abanando a cabeça com ar de piedade, replicou tristemente: Merula, nos jogamos um jogo a fazer-nos enforcar.

— E se tu não entras, vais jogar um jogo a te fazeres apunhalar.

E' que tu ignoras, redarguiu Landini, sem assustar-se com á ameaça de Merula, o que contem de abominavel este libello, que o marquez quer que eu deponhna no traveceiro da rainha.

— Eu sei que quanto mais abominavel fôr, mais hâde servir aos projectos do marquez. Não comprehendeste isto, quando nos explicou os meios por que espera chegar a seus fins?

— O que eu comprehendi foi, que se fossemos pilhados seríamos enforcados.

— E é a maior ventura que te pode acontecer, miserável; porque se não fores enforcado por este feito, serás certamente queimado pelas tuas infernaes feitiçarias. E' uma escolha que tens a fazer entre a corda e a fogueira.

— Escuta, Merula, respondeo o alchimista, acredita-me, é ainda tempo, deixemos esta corte, nós temos meos venenos e teo punhal, para assegurar-nos uma honrada existencia: associemo-nos, e vamos para outra parte empregar nossos recursos.

— Tremerás em outra parte menos do que aqui? Recuas pela couza mais facil do mundo, como é esconder pa-peis na cama de uma mulher?! Se eu não temesse perder-me neste labyrinto de portas e corredores, á muito tempo que estava feito.

— Ora, ora, ora, resmungou Landini, não é isso sómente; a couza é termos que roubar...

— Roubar uma criança, uma moça de quinse annos! Mas não tens animo, damnado feiticeiro, senão para ir de noite, como um chacal, desenterrar mortos, para dissecal-os, e estudar sobre seus cadavres os horriveis segredos da scien-cia?

(Continúa.)